

A PROPÓSITO DAS NOÇÕES DE FÓRMULA E DE PERCURSO PARA A ANÁLISE DE DISCURSO

Jefferson Voss¹
Unicamp / CNPq
jeffersonvoss@yahoo.com.br

RESUMO

Tendo em vista a discussão sobre a noção de *percurso* como unidade não-tópica do discurso (MAINGUENEAU, 2008c) e a caracterização do conceito de *fórmula* no quadro teórico da Análise de Discurso (AD) (KRIEG-PLANQUE, 2010), este artigo tem como objetivo iniciar uma discussão sobre a noção de fórmula em AD levando em conta uma perspectiva que trata muito mais de percursos que de posicionamentos ou formações discursivas. Do ponto de vista analítico e metodológico, queremos refletir sobre os encaminhamentos teóricos propostos por Krieg-Planque (2010), explorando o ponto de vista da autora e discutindo sua relevância para o tratamento de *corpora* pela AD. O resultado é um panorama teórico sobre duas noções que, atualmente, estão sendo focalizadas por grupos de pesquisa específicos no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Percursos; Fórmula; Circulação; Produção de Sentido.

ABSTRACT

Given the discussion of the notion of course (*percurso*) as a non-topical unit of discourse (MAINGUENEAU, 2008c) and the characterization of the concept of formula in the theoretical framework of Discourse Analysis (DA) (KRIEG-PLANQUE, 2010), this paper aims at discussing the notion of formula in DA considering a perspective that treats much more courses (*percursos*) than positions or discursive formations. From an analytical and methodological point of view, we discuss the proposed theoretical referrals by Krieg-Planque (2010), exploring the views of the author and discussing its relevance for the treatment of *corpora* by DA. The result is a theoretical panorama on those two notions which are currently being focused by specific research groups in Brazil.

KEYWORDS: Courses (*Percursos*); Formula; Movement; Production of meaning.

INTRODUÇÃO

A análise de discurso (AD) é uma disciplina de interpretação. Problemática, por sinal². Nasceu, na década de 1950, do projeto de Michel Pêcheux em direção a uma Teoria Geral das

¹ Mestre em Letras – Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá e doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

² Discussões sobre problemas teóricos e metodológicos da análise de discurso podem ser encontradas nas teses de Courtine (2009), Maingueneau (2008a) e também nos próprios trabalhos de Pêcheux (2006, 2009), alguns dos quais retificam discussões teóricas anteriores.

Ideologias que sistematizaria uma ciência social não ideológica baseada nas teses de Louis Althusser. Mais tarde, no final da década de 1960, Pêcheux incorpora questões da linguística e da psicanálise para formular sua teoria do discurso: a análise automática do discurso (AAD-69) (PÊCHEUX, 2010a [1969]³). Sua tese principal problematiza o cerne da Semântica, na medida em que propõe pensar a produção de sentido ao lado da história e da ideologia. Na AAD-69, Pêcheux já fixará conceitos como os de condições de produção do discurso e de formações imaginárias. Talvez temendo o pragmaticismo possivelmente ligado ao conceito de condições de produção e o psicologismo lido na noção de formações imaginárias (não que eles fossem leituras de Pêcheux, mas eram riscos que se corria), estes conceitos se tornarão enfraquecidos e darão vez a outros, como os de formação discursiva (FD), interdiscurso e forma-sujeito, que aparecerão nos trabalhos publicados em 1975 (PÊCHEUX & FUCHS, 2010 [1975]; PÊCHEUX, 2009 [1975]).

Na década de 1980, outras reformulações acontecerão: Courtine (2009 [1981]) começará a trabalhar a perspectiva de Michel Foucault na AD e introduzirá os conceitos de enunciado e memória discursiva; Pêcheux (2006 [1983]) problematizará o papel do acontecimento discursivo no universo do logicamente-estabilizado e criticará a noção de FD. Logo, a AD nunca foi/é/será a mesma, é sempre uma disciplina em constante reformulação – que exige novos métodos, novos dispositivos e novas reflexões justamente porque as sociedades e a história estão em movimento, e, por conseguinte, os discursos também estão.

Nesse contexto, este trabalho pretende se inserir numa problemática de métodos e tatear algo que desponta na AD brasileira: o tratamento do conceito de fórmula (KRIEG-PLANQUE, 2010) e a relação desse conceito com a noção de percurso de Maingueneau (2008c). Tendo em vista que Maingueneau (2008c), ao conceituar percurso, está apontando mais um problema nos dispositivos teóricos da AD – aquele relacionado ao conceito de formação discursiva –, nos deparamos com uma iminente necessidade de dar conta dessas questões e encontrar meios interessantes de relacionar conceitos no tratamento de *corpora* diversificados e relativamente novos.

Logo, este texto está, de modo mais amplo, aliado a essa problemática abordada por Dominique Maingueneau (2008c) a propósito das unidades de repartição dos discursos. Ao discutir a diferença entre o que chama unidades tópicas e unidades não-tópicas do discurso – numa tentativa de superar algumas lacunas que o conceito de formação discursiva deixou para

³ Com vistas a indicar a cronologia de publicação dos textos, traremos as datas da publicação original entre colchetes.

a Análise de Discurso (AD) –, Maingueneau (2008c), mais precisamente no que diz respeito às unidades não-tópicas, discorre sobre a noção de percursos. Segundo ele, a partir dessa noção, “O pesquisador pretende [...] desestruturar as unidades instituídas, definindo percursos não esperados: a interpretação apoia-se, assim, sob a atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso” (2008c, p. 23). A fim de exemplificar tal perspectiva em AD, Maingueneau cita o trabalho de Alice Krieg-Planque sobre a fórmula “depuração étnica”. Dessa forma, se assume que, em pesquisas sobre circulação e dispersão de fórmulas em um *corpus* relativamente vasto e heterogêneo, o analista deveria se apoiar na noção de percurso, ao invés de se amparar em outras categorias analíticas, como as de formação discursiva e posicionamento.

A partir dessa relação apontada por Maingueneau (2008c) entre pesquisas sobre fórmulas e o tratamento de percursos e dado o pequeno número de pesquisas, no Brasil, que contemplem essa problemática, nosso trabalho pretende discutir brevemente esse dispositivo teórico na tentativa de demarcar sua validade para a AD.

OS CONCEITOS DE FÓRMULA E PERCURSO E METODOLOGIA EM ANÁLISE DE DISCURSO

São relativamente novos em AD os trabalhos que se propõem ao estudo de fórmulas. No Brasil, trabalhos com tal interesse se concentram principalmente no interior do grupo de pesquisas “FEsTA – Fórmulas e Estereótipos: teoria e análise”, liderado pelo Prof. Dr. Sírio Possenti (IEL/Unicamp). Trata-se de trabalhos que buscam, principalmente, dar conta de enunciados curtos (fórmulas, *slogans* etc.) e sua relação com a memória e circulação de sentidos.

O trabalho com fórmulas é importante na medida em que faz aparecer relações de sentido muitas vezes não esperadas e que se dão justamente por meio da circulação de expressões cristalizadas na língua – expressões para as quais não se impõem limites de uso, já que circulam em vários campos discursivos e atravessam várias formações discursivas e posicionamentos. Pesquisar uma fórmula é, nesse caso, verificar essa relação entre circulação e sentido, o que, em hipótese, faz com que elementos da pragmática sejam necessariamente evocados para explicar fatos do discurso: como uma possível relação entre um sujeito

“pensante” (um pouco temido pela AD) e a circulação de uma fórmula numa cena enunciativa específica.

Possenti atribui uma relevância específica à análise de fatores pragmáticos na teoria do discurso. Em termos genéricos, o autor nos oferece a seguinte formulação: “Qualquer teoria do discurso deve tentar explicitar o papel dos fatores propriamente linguísticos, dos fatores pragmáticos e dos fatores históricos, já que todos são relevantes para a análise dos textos e dos discursos – embora, provavelmente, de maneira desigual” (POSSENTI, 2009a, p. 115). Na esteira do que propõe Possenti, imaginamos que uma pesquisa sobre os percursos de uma fórmula dispersa possa nos oferecer resultados interessantes sobre as relações entre língua, sentido e história, já que, ao invés de focalizar aspectos intrinsecamente históricos e ideológicos, como talvez faria uma pesquisa em torno de uma FD (no sentido dado por Maingueneau [2008c] para este conceito), uma pesquisa investida nos percursos e trajetões de uma fórmula pode relacionar fatores linguísticos (como a cristalização da fórmula em um significante relativamente estável) a fatores históricos (os campos ideológicos ou de saberes que autorizam os sentidos da fórmula no discurso) e também a fatores pragmáticos (como sobre as determinações da cena enunciativa sofridas pela fórmula em circulação).

Já um ponto interessante sobre o conceito de percurso é sua relação com a seleção e recorte de *corpora* em AD. Maingueneau (2008c) já alerta que, em relação à seleção de *corpora*, a noção de percurso se aplica muito bem a pesquisas que procuram laços insuspeitos no interdiscurso, ao invés de reunir textos que contenham um mesmo posicionamento (ou posicionamentos antagônicos) ou que relacionem formações discursivas. Aliada à noção de percurso, pode-se tomar a noção de fórmula na tentativa de descrever esses laços que ao mesmo tempo diferenciam o uso da fórmula e a tornam um lugar comum para um grupo de locutores.

Do ponto de vista metodológico, Possenti (2010) mostra, baseado em Maingueneau, que a própria escolha de uma fórmula é um grande passo metodológico que organiza e direciona os rumos da pesquisa em AD. Para Possenti, se trata de encontrar, por meio da fórmula, uma porta de entrada modesta para a organização dos *corpora* a ser analisado. Dessa forma, partir de uma fórmula, como, por exemplo, “X (não) faz bem à saúde”, funciona, no limite, como porta de entrada para a organização de um conjunto de textos a serem analisados. É a busca pelas ocorrências da fórmula em diversos contextos e gêneros diferentes que nos garante a descrição de uma dispersão de enunciados e a análise dos percursos da fórmula.

O método para coleta do *corpus* pode se dar pelo uso de sistemas virtuais de busca, como aquele oferecido pela plataforma *Google*. O trabalho consiste, então, em coleta e análise discursiva de textos em que a fórmula ocorra. Alia-se, então, a noção de fórmula como é caracterizada por Krieg-Planque (2010), abrangendo suas quatro características fundamentais, e a noção de percurso de Maingueneau (2008c). O objetivo é o de caracterizar a circulação e funcionamento discursivo da fórmula e traçar, a partir disso, um percurso interpretativo.

QUADRO TEÓRICO DAS NOÇÕES DE PERCURSO E FÓRMULA

Como já deixamos claro na introdução, nos apoiamos, fundamentalmente, em Maingueneau (2008c) e sua noção de percurso enquanto unidade não-tópica para a AD. Tomando essa noção como diretriz metodológica, o trabalho do analista de discurso não se reduz ao recorte de um campo e um espaço discursivos específicos, mas, ao contrário, coincide com a tentativa de estabelecer “rede de unidades de diversas ordens [...] extraídas do interdiscurso, sem procurar construir espaços de coerências, constituir totalidades” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 23).

Maingueneau (2008c) introduz a noção de percurso na tentativa de rediscutir o problema do conceito de formação discursiva em AD. Primeiramente, o autor desvincula a noção de posicionamento da noção de formação discursiva, a qual estava presa por conta da formulação de Pêcheux (2009 [1975]) para esse conceito – aquilo que pode e deve ser dito a partir de uma posição na luta de classes. Maingueneau (2008c) distingue, então, posição de posicionamento, mostrando que a primeira está ligada a um lugar na luta de classes e o segundo a um lugar em um campo discursivo.

Para Maingueneau (2008c), posicionamento e formação discursiva são unidades diferentes, na medida em que uma, o posicionamento, está estreitamente vinculada a instituições e a outra, a formação discursiva, não possui uma instituição como referência. Por isso, o posicionamento é uma unidade tópica territorial, presa a instituições e tipos e gêneros do discurso, e a FD é uma unidade não-tópica.

Ao nos valermos da distinção de Maingueneau para campo e espaço discurso, em que o campo discursivo é “[...] um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência” (2008a, p. 34) e os espaços discursivos são “[...] sub-conjuntos de formações discursivas que o analista [...] julga relevante pôr em relação” (2008a, p. 35), constata-se, num

primeiro momento, que a pesquisa em AD deva necessariamente dar conta da delimitação, descrição e análise de relações entre formações discursivas. Contudo, nesse trabalho posterior sobre unidades tópicas e não-tópicas, Maingueneau (2008c) examina casos de pesquisas que não tratam de FD específicas e não definem o material analisado por meio do recorte de um espaço discursivo. São trabalhos que perseguem algum tipo de construção (lexical, proposicional etc.) que seja cristalizada na língua e que funciona em diversos campos e espaços discursivos diferentes, ou seja, que não é, na perspectiva de Maingueneau (2008c), tópica. Esses trabalhos, para Maingueneau (2008c), não se ocupam da análise de posicionamentos institucionais ou de formações discursivas e seus focos, mas, ao contrário, definem *percurso*s na medida em que perseguem as várias instituições, gêneros, registros funcionais e campos discursivos em que uma construção típica da língua vem a funcionar. É nesse sentido que o autor distingue percurso de formação discursiva e posicionamento.

De modo que o próprio Maingueneau (2008c) já mostra, um trabalho em torno de fórmulas – como é aquele de Alice Krieg-Planque (2010) a respeito da fórmula “depuração étnica” – é um trabalho que segue a descrição de percursos. Por isso o interesse nessa noção. Procuraremos seguir, teórica e analiticamente, a noção de fórmulas como é garantida por Krieg-Planque (2010). E necessário, porém, distingui-la de outra conceituação de fórmula, oferecida por Maingueneau.

Em Maingueneau (2008d), a noção de fórmula aparece caracterizada de modo diferente do de Krieg-Planque. Maingueneau utiliza o termo “fórmula” de um modo que ele mesmo designa como vago. Ele conceitua fórmulas como “enunciados curtos, cujo significante e cujo significado são considerados no interior de uma organização pregnante, [...] o que explica que sejam facilmente memorizados”, e, depois, complementa: “Algumas dessas fórmulas circulam no interior de uma comunidade mais ou menos restrita (uma seita, uma disciplina acadêmica...); outras são conhecidas por um grande número de locutores espalhados em vários setores do espaço social” (2008d, p. 75). Se nos valemos dessa perspectiva de Maingueneau, uma fórmula será qualquer enunciado mais ou menos curto (na forma de *slogans*, máximas heróicas ou fórmulas filosóficas) que vai circular em uma comunidade e poder, então, ou ser usado de forma universal (por todos os locutores em diversos campos discursivos) ou ser restringido a um grupo específico. De forma genérica, Maingueneau traça essa conceituação de fórmula (sem se preocupar muito com o conceito de fórmula) somente para tratar dos fenômenos de sobreasseveração na mídia, ou seja, daqueles casos em que, na citação principalmente jornalística, enunciados curtos são destacados de

textos de extensão bem maior e funcionam como síntese da fala de um locutor – o que muitas vezes causa mudanças drásticas no sentido do enunciado destacado em relação a seu lugar no texto de origem. Maingueneau se vale dessa argumentação a propósito do fenômeno de sobreasseveração para indicar esse aspecto interessante da mídia ao destacar *slogans* e acontecimentalizar as falas de seus personagens.

Já segundo a perspectiva de Krieg-Planque (2010), o conceito de fórmula é mais específico. A característica de circular no interior de uma comunidade restrita, por exemplo, não corrobora o ponto de vista de Krieg-Planque. Na condição de referente social, a fórmula circula pela sociedade sem restrições de campos discursivos e, por isso mesmo, ela circulará nos textos mais diversos em diferentes gêneros, tipos de discurso, instituições e formações discursivas. Não há restrições para a circulação de uma fórmula, e é justamente essa sua característica que, segundo Krieg-Planque, permite defini-la como uma fórmula em uma sociedade. Para Possenti, a pesquisa de fórmulas tem por função “[...] explorar uma dispersão, uma circulação, e não de relacionar uma sequência verbal a uma fonte enunciativa” (2010, p. 105) – entenda-se “fonte enunciativa” como um ponto de vista, um posicionamento, uma formação discursiva. Ao nos debruçarmos sobre as fórmulas,

Não se trata de dizer que o enunciado não “pertença” a uma FD ou a um posicionamento. O que ocorre é que ele pode ser retomado por várias FDs ou em vários posicionamentos, estabelecendo, a cada vez, novas relações com os enunciados típicos dessas FDs ou desses posicionamentos, produzindo, portanto, efeitos de sentido específicos, conforme a rede discursiva ou interdiscursiva que se estabelece a cada enunciação (POSSENTI, 2010, p. 105).

Na conceituação que Krieg-Planque (2010) dá para a noção de fórmula, a autora distingue quatro características para que uma fórmula seja mesmo fórmula. Para a autora, a fórmula deve necessariamente ter 1) um caráter cristalizado, 2) um caráter discursivo, 3) um caráter de referente social e 4) um caráter polêmico.

O caráter cristalizado diz respeito ao significante relativamente estável que configura a fórmula. Segundo Krieg-Planque (2010), esse significante pode ser desde uma unidade lexical simples, até unidades lexicais complexas, unidades léxico-sintáticas ou sequências autônomas. Possenti nos diz que o “[...] processo de cristalização tem dois lados: um estrutural e um memorial. Entre eles, há um *continuum* de cristalização, ligado ao seu engendramento mútuo. Por isso, a análise de uma fórmula não pode ater-se a um formalismo absoluto” (2010, p. 107).

Tomemos como um exemplo rápido a fórmula citada anteriormente “X (não) faz bem à saúde”, já pressupondo, de antemão, sua forma afirmativa e negativa. Nada impede,

contudo, que ainda nos deparemos com outras mudanças formais que não irão descaracterizar a configuração cristalizada dessa fórmula. A partir de uma rápida pesquisa em sítios virtuais de busca, pode-se verificar a ocorrência de um pretérito perfeito ao invés do presente do indicativo – “Isto, para mim, revela que a candidatura única *não fez bem à saúde* democrática dos respectivos municípios”⁴. A análise de Possenti (2010) sobre a fórmula “(não) fazer a lição de casa” também traz casos interessantes em que o significante da fórmula tem estabilidade relativa. Krieg-Planque (2010) anuncia desde o início que o significante da fórmula é *relativamente* estável. Esse *relativamente* pode suscitar mudanças sintomáticas no sentido que a fórmula assume em determinadas cenas enunciativas.

Levar em conta a forma da fórmula (e levar em conta as formas que suas variantes assumem) é também fazer uma escolha no que concerne à análise lexical. É levar a sério cara lexema, considerando-o como um corpo singular irreduzível, considerando que esse corpo se parece com outros corpos que fazem pensar nele (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 80).

O caráter discursivo da fórmula a distingue fundamentalmente de uma concepção que, no limite e com base no formalismo absoluto já alertado por Possenti (2010), privilegiaria somente sua forma linguística. De fato, para Krieg-Planque (2010), a fórmula só se torna fórmula e funciona como fórmula porque possui especificidades históricas que a discursivizam. As fórmulas não funcionam fora de seu uso em sociedade e fora de campos e restrições ideológicos. Dessa forma, é papel do analista relacionar a fórmula e seu uso específico no discurso. Como nos lembra Krieg-Planque,

Na maior parte das vezes, a sequência preexiste formalmente a sua chegada à condição de fórmula. Não é, então, uma forma nova que o analista deve buscar, mas um uso particular, ou uma série de usos particulares, por meio dos quais a sequência assume um movimento, torna-se um jogo de posições, é retomada, comentada, para de funcionar no modo “normal” das sequências que nomeiam pacificamente e que usamos sem nos dar conta delas (2010, p. 82).

Sobre esse caráter discursivo da fórmula, é interessante o relacionarmos à produção de sentidos na língua. Dada a tese fundamental da AD de Pêcheux, segundo a qual são tantos os sentidos de uma expressão quanto o são os posicionamentos (ou formações ideológicas ou discursivas) que a atravessam, o caso da fórmula ainda se torna particular na medida em que, de algum modo, ela é, ao mesmo tempo, um lugar comum para vários enunciadores, mas também um ponto para diferenciação e transformação dos sentidos.

⁴ VICARI, Badger. *Candidatura única é o fim*. In: **Jornal de Beltrão**. Disponível em: <http://www.jornalbeltrao.com.br/conteudo/blog.asp?id=275&autor=1>. Acesso em: 11 mai 2011.

A fórmula ainda tem, segundo Krieg-Planque, o caráter de referente social. Isso diz respeito a esse lugar comum que a fórmula é para diversos campos discursivos, o que caracteriza, precisamente, seu funcionamento por vezes contraditório: as significações da fórmula podem ser múltiplas e se contradizerem entre si, já que elas são dadas como referente para qualquer grupo na sociedade em que são usadas. Segundo Possenti,

Dizer que a fórmula é um signo conhecido de todos implica também que esse signo é atestado em tipos variados de discurso, tanto orais como escritos, especializados e leigos. O fato de ser uma espécie de passagem obrigatória – todos a produzem ou falam dela – é constitutivo da fórmula como referente social. A obrigação de tomar posição em relação a ela pode ser observada em diferentes manifestações discursivas. Uma afirmação que merece especial destaque é relativa à fórmula como referente social, que significa que ela é um signo que evoca alguma coisa para todos os locutores de uma comunidade em um momento dado. Ela é conhecida na medida em que designa alguma coisa. A fórmula refere: ela remete ao mundo (2010, p. 108-109).

De fato, se a fórmula evoca alguma coisa para todos os locutores de uma comunidade, é papel do analista verificar esse funcionamento de lugar comum que a fórmula exerce e, posteriormente, checar as incidências mais locais dos sentidos que se diferenciam segundo a circulação da fórmula em lugares mais específicos.

Por fim, a fórmula possui também um caráter polêmico. Isso diz respeito ao fato de que as fórmulas portam questões sociopolíticas e colocam em jogo, então, embates que funcionam como denominador comum em um território dividido (KRIEG-PLANQUE, 2010). Para Krieg-Planque,

As fórmulas participam do peso da história, esse peso que lastreia os destinos individuais. É porque constitui um problema, porque põe em jogo a existência das pessoas, porque é portadora de um valor de descrição dos fatos políticos e sociais, que a fórmula é objeto de polêmicas (2010, p. 100).

No caso de uma fórmula como, por exemplo, “X (não) faz bem à saúde”, pode parecer pouco óbvio que seja uma fórmula que envolva polêmica, principalmente se comparada aos exemplos de Krieg-Planque (purificação étnica, *sans-papiers*, clandestinização etc.). Contudo, essa é uma fórmula que coloca em jogo saberes relativos ao campo da saúde, o que torna um desafio compreender por que “fazer ou não fazer bem à saúde” é lugar comum na sociedade contemporânea. Talvez haja mais questões polêmicas do que se espera. O exemplo dado acima sobre essa mesma fórmula mostra que é uma fórmula justamente porque suas ocorrências não se restringem a um campo discursivo, mas, ao contrário, mostram que a ela circula em outros lugares discursivos, como no discurso político, religioso etc. O mesmo acontece com a fórmula “(não) fazer a lição de casa” analisada por Possenti (2010): é uma

fórmula que responde, em primeira instância, ao aparelho escolar, mas que circulando pelos mais diversos campos institucionais.

De modo geral e apesar de nosso reducionismo relativo, é essa a noção de fórmula, a de Krieg-Planque (2010), que, atualmente e segundo as especificidades dos trabalhos que a tomam, se procura desenvolver e aplicar, verificando sua operacionalidade para a AD e a discutindo junto com a noção de percurso, formulada por Maingueneau (2008c). Imaginamos que conciliar as duas noções seja, como já nos mostra Possenti (2010), de um interesse e importância inegáveis para AD na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COURTINE, J-J. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*. In: BARONAS, R. L. (Org.) **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007. pp. 13-32.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. **Cenas da Enunciação**. (Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva). São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

_____. *Unidades Tópicas e Não-Tópicas*. In: _____. **Cenas da Enunciação**. (Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva). São Paulo: Parábola Editorial, 2008c. pp. 11-26.

_____. *Citação e Destacabilidade*. In: _____. **Cenas da Enunciação**. (Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva). São Paulo: Parábola Editorial, 2008c. pp. 75-92.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2003.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas / SP: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In: GADET, F; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010a. pp. 59-158.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, K. *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**:

uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas / SP: Editora da Unicamp, 2010. pp. 159-250.

POSSENTI, S. *A pragmática na análise do discurso*. In: _____. **Os Limites do Discurso**: ensaios sobre discurso e sujeito. 2. ed. Curitiba: Criar Edições, 2009a. pp. 113-128.

_____. *(Não) fazer a lição de casa: circulação e sentidos*. In: POSSENTI, S.; PASSETTI, M. C. **Estudos do Texto e do Discurso**: política e mídia. Maringá: EDUEM, 2010. pp. 103-120.

KRIEG-PLANQUE, A. **A Noção de Fórmula em Análise do Discurso**: quadro teórico e metodológico. Trad. Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.